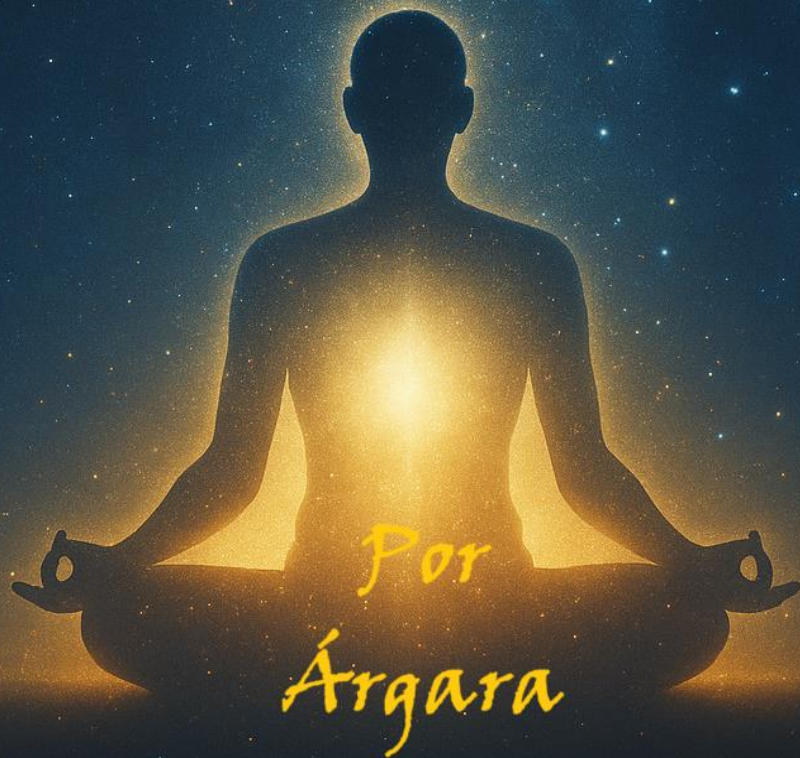


UTTARA GÍTÁ À LUZ DE ÁRGARA

O FIM DO EU NA UNIDADE SUPREMA



*Por
Árgara*

LEIA

Acreditando ou não, entendendo ou não, mas LEIA. E as vibrações nelas contidas (o Poder do SOM INAUDÍVEL das palavras, o poder do pensamento, da sabedoria antiga e da Doutrina Secreta) irão despertar uma resposta na tua alma.



Uttara Gītā à Luz de Árgara: O Fim do Eu na Unidade Suprema

Subtítulo:

Uma leitura cósmica da sabedoria pós-Kurukṣetra

Sumário Proposto

Prefácio – Quando o Som Silencia: A Voz Interior do Dharma
 Capítulo 1 – O Retorno ao Coração: Arjuna após a Vitória
 Capítulo 2 – Brahman: O Inominável Além do Conhecimento
 Capítulo 3 – A Testemunha Silenciosa: Akṣara Puruṣa e a Natureza do Eu
 Capítulo 4 – A Senda do Haṁsa: O Yoga do Alento Consciente
 Capítulo 5 – A Imaginação do Invisível: A Fé no Indivisível
 Capítulo 6 – A Destruição do Conhecimento: Quando o Saber se Transcende
 Capítulo 7 – Samādhi: A Morte do Mundo na Luz da Presença
 Capítulo 8 – Nāda e Prāṇa: O Som que Conduz ao Silêncio
 Capítulo 9 – O Fim do Jīva: O Despertar para o Ser Uno
 Capítulo 10 – A Árvore Invertida: O Corpo como Cosmograma
 Epílogo – Quando o Eu se Torna Tudo: O Silêncio após o Último Ensino

Prefácio – Quando o Som Silencia: A Voz Interior do Dharma

por Árgara, do Conselho Lemuriano das Multi Raças

Há momentos na história da alma em que o campo de batalha é vencido... mas o espírito permanece em interrogação.

É após a guerra — e não antes dela — que o verdadeiro discípulo busca, não mais a vitória, mas a Verdade. E é precisamente nesse ponto da jornada que nos encontramos ao abrir o *Uttara Gītā*: não diante do sangue e do dilema moral que antecede a ação, mas perante o eco silencioso que sucede à conquista.

O *Uttara Gītā*, “Canção Final”, não é uma continuação no tempo, mas um aprofundamento na eternidade. É o retorno do discípulo à fonte. Arjuna já lutou, já matou, já obedeceu à ordem cósmica. Mas sua alma ainda deseja saber. E é esse desejo, não mais impelido pela urgência da guerra, mas pela sede do Infinito, que abre espaço para o ensinamento mais sutil de Krishna: aquele que não se impõe no campo externo, mas que reverbera no campo interior.

Aqui, o Mestre não ordena. Ele aponta. Não instrui por mandamento, mas revela por metáfora, símile, silêncio. O ensinamento final não vem para agir no mundo, mas para dissolver o mundo na Consciência.

O *Uttara Gītā* é um mapa do invisível. Cada verso é uma chave para o descondicionamento. Aqui, Krishna não fala mais ao guerreiro, mas ao ser cósmico que Arjuna está se tornando. Os conceitos dissolvem-se. O som se desfaz. A luz se torna indistinta daquilo que ilumina. Brahman não é mais apenas compreendido; é vivido, intuído, absorvido sem forma ou esforço.

Nesta obra, conduzirei o leitor não por interpretações teóricas, mas por portais de percepção. Meu papel não será o de explicar, mas de acender. Não se trata de “entender” Krishna, mas de silenciar onde ele fala. De beber o som onde ele desaparece. De encontrar o Eu onde o nome “eu” deixa de fazer sentido.

Convido-te, caminhante dos mundos, a adentrar comigo este templo de silêncio e potência. Pois enquanto a guerra termina em Kurukṣetra, a libertação começa no espaço sem nome que vibra entre a pergunta de Arjuna e o sopro de Krishna.

Neste espaço — entre o som e o silêncio — habita o despertar.

Capítulo 1 – O Retorno ao Coração: Arjuna após a Vitória

O ponto onde a guerra externa cessa... e a guerra interior principia

A poeira da guerra assentara-se em Kurukṣetra. As espadas calaram-se, os corpos jaziam, e o dharma fora cumprido. Contudo, o que restava no coração de Arjuna não era a exaltação da vitória, mas um vazio denso, silencioso, inquietante — como se, por detrás de todos os acontecimentos, algo ainda estivesse por ser desvelado.

Este capítulo marca o início da *verdadeira jornada espiritual*: a que se inicia depois que o ego triunfante se depara com o nada. Krishna já havia oferecido, no *Bhagavad Gītā*, a síntese filosófica da ação correta, do desapego, da visão unificada entre o Eu e o Todo. Mas agora Arjuna não busca mais orientação para agir no mundo. Ele deseja compreender o Ser para além de toda ação, para além de toda forma, para além de si mesmo.

E é nesse instante — quando o eu questiona sua própria raiz — que o verdadeiro ensinamento pode emergir. Arjuna, agora, já não pergunta como vencer. Pergunta o que permanece quando não há mais luta, quando os papéis cessam, quando até mesmo a ideia de dever já não encontra mais onde se apoiar.

Esse gesto — de interrogar o Absoluto depois da vitória — é, em si, uma das maiores expressões do despertar.

“Ó Kes’ava, dá-me o conhecimento acerca de que o Brahma é o Um, sem semelhante, sem rival, para além do ākāśa...”

É uma súplica que não nasce do desespero, mas da lucidez. Arjuna compreendeu que há uma dimensão do Ser que não se revela no embate, nem na superação, nem mesmo na contemplação das escrituras. Há um saber que somente se acende na quietude interior, quando o campo da dualidade já não serve mais como espelho.

Árgara comenta:

A mente de Arjuna, já madura pela dor e pela vitória, torna-se agora como uma taça vazia. O guerreiro silencia e o discípulo se revela. Aqui, a alma começa a compreender que nenhuma conquista externa substitui o reencontro com o mistério de si mesma.

Krishna, o Mestre cósmico, responde com ternura e solenidade. Ele não desdiz o que ensinou na guerra. Ele amplia. Mostra que a luz do dharma é apenas o limiar. Convida Arjuna a atravessar a fronteira final: a que separa o conhecimento do Ser e a vivência do Ser. Já não se trata mais de “conhecer o Brahman”. Trata-se de *ser* Brahman.

Neste ponto da jornada, toda busca se recolhe ao interior do Coração — não o órgão, mas o espaço sutil onde pulsa o Espírito eterno, silencioso e indestrutível.

“Ele é denominado Brahman, o qual, destituído de todos os desejos, repousa no estado de meditação, assimilando seu próprio Auto-mantra com o Haṁsa...”

Capítulo 2 – Brahman: O Inominável Além do Conhecimento

A luz que não se vê. A presença que não se toca. O Ser que não se diz.

Após ter retornado ao Coração e suplicado novamente pelos segredos da Realidade Última, Arjuna encontra-se diante de uma verdade que não pode ser conquistada — apenas rendida. O que ele agora procura não é um conceito, mas a Essência sem nome, sem forma, sem limite: **Brahman**.

Krishna não começa explicando. Ele evoca.

“Ele é denominado Brahman, destituído de todos os desejos, repousando no estado de meditação, onde se fundem o Praṇava e o Haṁsa...”

Aqui, Krishna não fala de Brahman como objeto de estudo, mas como **estado de ser**. Brahman não é conhecido com a mente, pois não há mente que o abarque. Brahman não é uma realidade entre outras: **é a Realidade que permanece quando todas as outras cessam**.

Árgara comenta:

O que a consciência comum chama de "Deus", o iniciado começa a reconhecer como ausência de todos os atributos, dissolução de todas as formas, silêncio de todos os nomes. Brahman é o vazio pleno, a plenitude vazia — aquilo que não nasce nem morre, não entra nem sai, não pode ser visto, mas é a própria luz da visão.

Krishna prossegue desvelando não um conceito, mas um modo de ver:

“Para o ser humano, o atingimento do estado de Haṁsa (‘Eu sou Ele’) é o mais elevado jñāna.”

Isso implica o fim da separação entre sujeito, objeto e ato de conhecer. É a realização de que o conhecedor, o conhecimento e o conhecido são Um só.

A consciência comum ainda opera na dualidade — entre aquilo que busca e aquilo que é buscado. Mas o jñānin, o conhecedor verdadeiro, já não separa mais sua própria essência daquilo que contempla. Ele é o que contempla.

Árgara esclarece:

Brahman não é um “lugar” ao qual se chega. É o que sempre foi. A ignorância espiritual consiste em projetar o Absoluto para fora de si, como se o Infinito estivesse além das margens do ser. Mas Brahman não está além — **está atrás**, abaixo, dentro, silenciosamente habitando aquilo que nunca deixou de ser.

Quando Krishna fala da fusão entre o som sagrado (Praṇava, o Aum) e o Haṁsa (o Eu Uno), ele indica o ponto onde a vibração primeira e a identidade essencial coincidem. Não há mais distância entre o som e o silêncio, entre o alento e o espírito.

“Quando o conhecedor encontra o Akṣara Puruṣa em si mesmo, ele é salvo de todas as futuras tribulações e da morte neste mundo.”

O **Akṣara Puruṣa** é o Eu imutável, a testemunha eterna que assiste ao fluxo da matéria sem jamais ser por ele alterada. É o Ser que permanece enquanto o corpo envelhece, enquanto a mente muda, enquanto os mundos surgem e se desfazem. Encontrá-lo em si não é um ato de vontade, mas uma rendição de todas as vontades.

É nesse ponto que o verdadeiro caminho espiritual se desenha: **não como conquista de algo novo, mas como o abandono radical de tudo o que não é essencial.**

Árgara ensina:

Toda busca sincera conduz a um paradoxo: quanto mais nos aproximamos do Real, menos palavras podemos usar. A linguagem se curva. O pensamento se

rende. A identidade se desfaz. O que resta é Brahman — não como ideia, mas como a respiração de tudo, silenciosa, presente, inviolável.

Neste capítulo, Krishna não aponta um caminho. Ele desvela um estado. Arjuna não precisa fazer mais nada — apenas *cessar* tudo o que não é Brahman.

E assim o discípulo começa a ver que aquilo que buscava do lado de fora, entre armas, conceitos e vitórias, já pulsava dentro do silêncio que sempre esteve presente, mesmo durante a guerra.

Conclusão:

Brahman não é o prêmio da jornada. É o pano de fundo que sustentou toda a jornada, desde o início. Reconhecê-lo é acordar do sonho da busca e perceber que **o buscador nunca foi outro senão o próprio Infinito disfarçado de sede.**

Capítulo 3 – A Testemunha Silenciosa: Akṣara Puruṣa e a Natureza do Eu

Aquilo que vê, sem se mover. Aquilo que é, mesmo sem agir.

Na continuidade do ensinamento, após a invocação de Brahman como o inominável e absoluto, Krishna revela a Arjuna uma dimensão ainda mais sutil da existência: **o Akṣara Puruṣa**, o Eu imutável, a Testemunha silenciosa de tudo o que é.

Não se trata de um personagem oculto, nem de uma entidade mística separada, mas da **presença silenciosa que permanece quando tudo mais muda**. A consciência que vê os pensamentos, os corpos, os mundos — mas que não é nenhum deles.

“Aquilo que permanece meramente como testemunha passiva entre o Haṁsa e o Não-Haṁsa é o Akṣara Puruṣa na forma do Kūṭastha-Caitanya.”

Árgara comenta:

O ser humano comum identifica-se com seus pensamentos, suas emoções, sua história e seu corpo. Mas nada disso é o Eu. Tudo isso muda, sofre, cresce e desaparece. A verdadeira natureza do Ser é aquilo que *assiste a tudo isso sem ser isso*. O Akṣara Puruṣa é o núcleo imóvel no centro do turbilhão. Ele nada faz, mas tudo permite. Nada deseja, mas tudo contém.

Krishna apresenta a figura de **Kūṭastha-Caitanya** — a consciência desperta que permanece inalterável no alto do Ser. Trata-se da clareza cristalina que jamais se agita, mesmo quando a mente, os sentidos e o mundo estão em movimento.

Neste ponto, o *Uttara Gītā* nos conduz a um tipo de sabedoria que transcende o saber comum. Pois não se trata mais de conhecer “algo”, mas de **reconhecer quem vê tudo**, mesmo o conhecimento.

Árgara orienta:

Aquilo que observa o pensamento não é um pensamento. Aquilo que percebe a emoção não é a emoção. Aquilo que reconhece o “eu” como uma identidade, já é outro: é o Eu que tudo testemunha, mas que jamais se confunde com o observado. É esse o verdadeiro “despertar” espiritual: não uma ampliação da personalidade, mas a sua superação.

Krishna descreve, ainda, o símbolo do “Kākin” — aquele que possui alegria e dor — como o reflexo da condição do *jīva*, o ser encarnado. Mas por trás desse ser em constante oscilação há um ponto imóvel: **o Uno**, que permanece inviolado pela dualidade.

“Quando esse a desaparece, resta somente K, que é o grande Um indivisível: a Bem-Aventura de Brahman.”

A letra a representa o sopro da manifestação. Quando ela cessa, resta apenas o som puro da origem. Krishna ensina que ao reconhecer esse silêncio por trás do som, esse centro por trás do movimento, o ser se liberta de todas as ilusões de nascimento e morte.

Árgara reflete:

O verdadeiro Eu não vive e morre. Não sofre com a dor nem se envaidece com a glória. Ele observa todas essas experiências como o céu observa as nuvens: com compaixão e liberdade. O Akṣara Puruṣa é o céu da consciência — sempre presente, ainda que obscurecido pelas tempestades mentais.

E aqui emerge um ensinamento crucial: **somente aquele que silencia o movimento interno pode conhecer o que é imóvel.**

Não é possível “chegar” ao Akṣara Puruṣa como se caminhasse até ele. Pois ele é o que *sempre esteve ali*. O caminho, portanto, é de **despojamento** — abandonar tudo aquilo que não é ele: as identificações, os papéis, os pensamentos e os nomes.

Conclusão:

Este capítulo convida o buscador a abandonar a ideia de um “eu” que faz, quer, busca ou realiza. Em lugar disso, revela que **há um Eu que apenas é** — e que nele reside a única estabilidade real.

Reconhecer o Akṣara Puruṣa em si é como perceber que o oceano nunca se agita, ainda que as ondas se levantem em sua superfície. É deixar de se identificar com as marés e descansar na vastidão silenciosa que as contém.

Capítulo 4 – A Senda do Haṁsa: O Yoga do Alento Consciente

Respirar é lembrar. Inspirar é retornar. Expirar é entregar-se.

Depois de revelar o Akṣara Puruṣa como o Eu imutável e silencioso, Krishna conduz Arjuna para um campo mais interno, mais vital, mais sutil: o Yoga do Alento, o caminho do Haṁsa. Aqui, o ensinamento abandona o discurso e mergulha na respiração — pois **é pelo sopro que o Ser se revela à consciência desperta.**

Haṁsa é uma palavra sânscrita de profundidade sagrada. Seu som, quando entoado internamente, ecoa o ritmo da vida: *ham-sa, ham-sa...* — *eu sou Ele, eu sou Ele*. A cada respiração, mesmo inconsciente, a alma pronuncia a verdade que esqueceu: **não há separação entre mim e o Todo.**

“Ele é denominado Brahman, que, pelo processo de Yoga, repousa no estado de meditação no qual assimila seu próprio Auto-mantra (Praṇava) com o Haṁsa.”

Árgara reflete:

A respiração é a ponte entre o visível e o invisível, entre o corpo e a alma, entre o tempo e o eterno. Aqueles que dominam o alento vital (prāṇa-vāyu) não apenas prolongam a vida, mas ampliam a consciência. Pois onde há alento consciente, há presença. E onde há presença pura, há Brahman.

Krishna ensina que **o domínio do prāṇa** conduz o ser a um estado de estabilidade que ultrapassa os ciclos comuns da existência. Ao manter o alento em repouso e movimento ao mesmo tempo, o yogī aprende a se mover no mundo sem perder o centro — a respirar sem esquecer o Ser.

Essa arte exige vigilância, desapego e intimidade com o espaço interno. Krishna convida Arjuna a:

“Fixar a mente na ponta do nariz, fundir o Ātman ao ākāśa e esse ao prāṇa; e então, não pensar mais em coisa alguma — nem lua, nem estrelas.”

Este não é um gesto simbólico, mas um mapa prático da dissolução do ego. O foco no ponto do nariz simboliza a ancoragem da mente no presente; a fusão com o ākāśa (espaço sutil) representa a expansão da consciência; e a cessação dos pensamentos indica a entrada no **nirvikalpa samādhi**, o estado em que não há forma nem nome, apenas Ser.

Árgara explica:

No início, o buscador busca Brahman como uma luz. Depois, como um som. Mas, ao final, Brahman é apenas respiração silente — sem forma, sem imagem, sem pronúncia. O alento consciente torna-se então o templo mais

puro, o mantra mais direto, o guru mais íntimo. Inspirar torna-se um sacramento. Expirar, uma oferenda.

Krishna revela que quem contempla o Ātman no coração, através do centro do alento, já não necessita de nenhum outro suporte. Ele ultrapassa o *ajñāna* — o falso saber — e fixa-se no conhecimento direto, não mediado. O yogī se torna, então, **ele mesmo, o altar da sabedoria**.

“Medita em Śiva como destituído de brilho, de mente, de Buddhi. Os sinais do samādhi são a negação de todas as condições positivas da vida.”

Aqui, Krishna remove até mesmo as últimas ilusões espirituais. O samādhi não é êxtase, nem prazer, nem visão. É *vazio consciente*, é ausência de forma, de vibração, de definição. A bem-aventurança que se realiza não é sentida — **ela simplesmente é**.

Árgara conclui:

Quando a respiração se dissolve no silêncio, o ser desperta. E nesse despertar não há triunfo, nem iluminação, nem conquista. Há apenas o retorno àquilo que sempre foi. O Haṁsa não é uma prática: é o fim da prática. É o instante em que o “eu sou Ele” torna-se indistinguível de “Ele é”.

Nesse instante, Arjuna deixa de ser guerreiro, devoto, discípulo — e torna-se *sopro*. Um com o Infinito que respira através dele. Um com o Som que se cala para revelar o Ser.

Conclusão:

A senda do Haṁsa é a senda do retorno à Origem através da respiração consciente. Ela não exige doutrina nem sistema, mas atenção e entrega. O corpo torna-se templo. O alento torna-se prece. A consciência torna-se aquilo que nunca nasceu.

Que todo ser humano, em sua próxima respiração, possa recordar:
Haṁ-sa... Haṁ-sa... Eu sou Ele. Eu sou.

Capítulo 5 – A Imaginação do Invisível: A Fé no Indivisível

Só vê o Todo aquele que fecha os olhos do corpo para abrir os da alma.

Após o mergulho no Haṁsa — o sopro sagrado que revela a unidade do ser — Krishna conduz Arjuna a um território ainda mais sutil: o **domínio da imaginação espiritual**, onde o invisível torna-se campo de percepção interior, e o Indivisível pode ser intuído como presença real.

É nesse ponto que Krishna afirma:

“Concebe o ākāśa manifesto como o Brahman indiviso; então funde o Ātman a isso, e isso a ti mesmo.”

Não se trata aqui de um exercício intelectual, nem de uma simples metáfora. Trata-se de uma tecnologia do espírito, uma meditação ativa, uma engenharia da consciência. Krishna está instruindo Arjuna a ver com os olhos da alma — aqueles que não se alimentam de formas, mas de essência.

Árgara comenta:

O que chamamos de “imaginação” no plano humano não é fantasia, mas vestígio da visão arquetípica. É a capacidade de conceber aquilo que os olhos não veem, mas que a alma reconhece como verdadeiro. Sem essa faculdade sagrada, não se pode adentrar o Real. Pois o Real, em sua natureza última, é sem imagem — e apenas o coração imagético pode alcançá-lo.

Neste ensinamento, Krishna revela que a mente deve ser liberada de todo conhecimento objetivo (*ajñāna*), para que possa agarrar o imutável conhecimento (*jñāna*) que habita o espaço interno. Isso exige um rompimento radical com os padrões do saber comum, com as estruturas da lógica e até mesmo com os limites da linguagem.

“Segura rapidamente o suporte do imutável Jñāna, e imagina o Um Indivisível Brahman no ākāśa interno e externo.”

O convite é à contemplação do Todo, não como conceito, mas como **experiência interna viva**. Ver Brahman em tudo não é uma crença. É um estado de consciência que se acende quando a separação entre o que se vê e quem vê se dissolve por completo.

Árgara explica:

A fé verdadeira nasce da imaginação sagrada — aquela que vê além da matéria e toca o que está por trás da aparência. O ser que já pressente o Indivisível vive guiado por uma visão não-linear. Ele não precisa “provar” que Brahman é real: ele *experiencia* isso, ainda que sem forma. Sua mente não descreve — sua alma reconhece.

Krishna aponta, então, para o **coração como sede da meditação suprema**. Ele orienta Arjuna a fixar a mente no ponto de onde o alento emerge e recolhe-se: as narinas. Mas é no centro do peito — o verdadeiro altar — que essa fusão deve se dar.

“Livre de ambas as narinas, fixa lá tua mente, ó Pārtha, e medita no Todo-Supremo Īśvara.”

Este “fixar” não é um esforço, mas uma entrega. E esse Īśvara — o Senhor interior — já não é mais distinto do meditante. Quando a mente se aquieta, o Ser revela-se como silêncio consciente.

Árgara orienta:

O iniciado aprende que a mente é como a chama de uma vela. Se tremula, projeta sombras. Se estável, revela com clareza. Quando a mente repousa no Ísvara interno, ela se torna instrumento de revelação. Não pensa sobre o divino — ela o *revela*.

A fé, aqui, não é adesão a uma crença, mas o salto da consciência para além da forma. É o abandono das margens da lógica e a travessia pelo rio sutil da Presença. É a confiança no Invisível como única Realidade.

Krishna diz mais:

“Pensa em Śiva como destituído de todas as condições de vida, puro, mas sem brilho, sem mente, sem buddhi.”

Neste ponto, a fé atinge seu clímax: **crer no que não se pode imaginar, amar o que não se pode descrever, render-se ao que não se pode nominar.**

O yogī que adentra esse estado dissolve-se no samādhi sem forma. O pensamento cessa, e o Ser brilha — não com luz, mas com o absoluto.

Conclusão:

A imaginação espiritual é o primeiro passo da fé real. E a fé verdadeira é a ponte para o Brahman sem forma. Aquele que cultiva essa visão interior transcende os véus da matéria e habita o Indivisível, mesmo em meio ao transitório.

Arjuna começa agora a ver sem olhos, a saber sem mente, a confiar sem garantias. E nesse ato de confiança sagrada, a Presença de Krishna não lhe ensina mais — **ela simplesmente o habita.**

Capítulo 6 – A Destruição do Conhecimento: Quando o Saber se Transcende

A chama que iluminou o caminho deve ser deixada antes de adentrar o templo.

Nos versos subsequentes do *Uttara Gītā*, Krishna introduz um ensinamento desconcertante para a mente lógica: **o abandono do próprio conhecimento como condição para a Realização Suprema.** Após ter elevado Arjuna a visões sutis sobre o Brahman, o Eu, o alento, e o invisível, ele agora ensina que tudo isso... deverá ser superado.

“Assim como o lavrador descarta as palhas do milho após debulhá-lo, assim também o sábio descarta os livros tão logo tenha haurido o conhecimento neles contido.”

O conhecimento é aqui comparado a um instrumento, não a uma posse. Ele serve até certo ponto. Cumpre sua função. Mas adentrar o estado de *Jñāna puro* — não mais como conteúdo, mas como estado de Ser — exige **soltar o próprio saber**.

Árgara comenta:

O ego espiritual quer acumular luz. O ser desperto, ao contrário, aprende a apagar todas as luzes para ver o que brilha por si. A sabedoria real não é aquilo que se pode repetir, ensinar ou escrever. Ela não cabe em livros, nem em tradições. Ela é como o ar que respiramos: sempre presente, silenciosa, necessária, mas invisível.

Krishna prossegue com analogias profundas:

“A luz é necessária para encontrar o objeto no escuro; mas, tendo-o encontrado, a luz é deixada de lado.”

“O barco é necessário para cruzar o rio, mas, uma vez na outra margem, ele se torna desnecessário.”

“Quando se encontra o néctar, o leite perde o sentido.”

Estas imagens sagradas indicam o mesmo princípio: **todo suporte é provisório**. A mente, o mantra, o mestre, as escrituras, os símbolos — todos são mapas. Mas o Ser não é um lugar no mapa. Ele é o terreno absoluto que precede o traço, o papel e a própria geografia da linguagem.

Árgara explica:

Não há libertação para quem ainda segura seu conhecimento como escudo. O verdadeiro jñānin não busca explicar Brahman — ele se *dissolve* nele. O saber que liberta é aquele que se desfaz no silêncio da Realidade.

E Krishna afirma com clareza desarmante:

“Quando o Objeto do Supremo Conhecimento é encontrado com a tocha do Conhecimento, o Conhecimento por si mesmo é posto de lado como desnecessário.”

Este é o momento onde o buscador se depara com o abismo da não-dualidade. Já não há mais quem conhece, o que é conhecido, nem o processo do conhecer. Todos os três se fundem no Um — e nesse Um, **o silêncio torna-se a única linguagem possível**.

O mestre então vai além:

“Aquele que se saciou com o néctar do conhecimento é três vezes afortunado. Ele não está mais atado ao karma, pois se tornou conhecedor dos Tattvas.”

Isso não significa que ele *tem* conhecimento, mas que **ele é o próprio campo da Realidade revelada**. E por isso, nada mais precisa adquirir, reter ou afirmar.

Árgara conclui:

Quando o ser atinge a visão que transcende os olhos, o som que silencia o ouvido, e o saber que extingue a mente, ele torna-se o próprio brilho do Ser. Já não pergunta mais. Já não responde. Ele simplesmente é. E tudo o que toca, passa a carregar esse sopro do Inefável.

Conclusão:

A destruição do conhecimento não é um abandono da sabedoria, mas sua **libertação da forma**. Todo verdadeiro ensinamento conduz ao ponto em que se torna inútil. Pois quem chega à outra margem da consciência já não precisa de palavras, práticas ou ideias — ele apenas respira o Ser.

Arjuna está cada vez mais próximo desse ponto. Ele, que foi aluno, guerreiro, buscador e discípulo, começa a pressentir que todos esses papéis estão prestes a se dissolver. Pois a luz que Krishna oferece agora já não é para iluminar o caminho — **é para queimar o próprio caminho até não restar mais ninguém que precise caminhar**.

Capítulo 7 – Samādhi: A Morte do Mundo na Luz da Presença

O instante em que a mente não volta mais. E o silêncio se revela como única realidade.

Tendo conduzido Arjuna ao desapego do conhecimento, Krishna introduz o tema central da culminação espiritual: **o estado de Samādhi** — não como prática meditativa, mas como dissolução última da identidade e do mundo.

O Samādhi descrito no *Uttara Gītā* não é êxtase, nem vislumbre, nem transe. É a **morte lúcida da dualidade**, onde não há mais alguém que medita, nem algo em que se medita. É o retorno à Fonte, sem retorno.

“Os sinais de Samādhi são a negação de todas as condições positivas de vida, e o completo encantamento ou subjugação de todos os pensamentos objetivos.”

Neste verso, Krishna define Samādhi como ausência. Mas não ausência vazia: ausência **plena** — da mente, da forma, do tempo, do espaço. Uma ausência que só é possível àquele que, tendo vencido todas as guerras internas, entrega-se ao Inefável.

Árgara comenta:

Samādhi não é algo que se faz, mas algo que acontece quando o Eu desaparece. É o ponto de fusão entre o visível e o invisível, entre o que busca e o que é buscado. É o fogo que queima o altar, a oferenda e o sacerdote. O ser, fundido ao Ser, não se sabe mais como distinto. Ele apenas é — e esse ser, paradoxalmente, já não tem forma.

Krishna prossegue:

“Apesar de o corpo do meditador tornar-se instável, ainda assim ele deve considerar o Paramātman como imóvel.”

Isso revela uma sabedoria delicada: o corpo pode oscilar, a energia pode se mover, mas **a consciência permanece imóvel, atemporal, inviolável**. O yogī não é mais definido pela experiência corporal, nem pelas flutuações da percepção. Ele repousa no inabalável.

“Aquele que considera o Paramātman como desprovido de mātra, para além do bindu, nāda e kāla, é o verdadeiro conhecedor dos Vedas.”

Árgara explica:

Mesmo os sons mais sagrados — os mantras, as sílabas, os ritmos — são dissolvidos no Samādhi. O que resta é o pré-som, o pré-pensamento, o pré-eu. Aquilo que jamais nasceu. O verdadeiro conhecedor dos Vedas é aquele que ultrapassa até mesmo o som sagrado. Pois Brahman não vibra. Ele é antes de toda vibração.

Neste estado, todo esforço cessa. Krishna afirma:

“Aquele que adquiriu Vijñāna com auxílio do Jñāna... prescinde das práticas de Yoga.”

Chegamos ao ponto onde a trilha desaparece. Quando o Ser é plenamente vivido, todas as práticas, textos, métodos e nomes tornam-se irrelevantes. O yogī realizado não precisa mais lembrar-se de quem é. **Ele se tornou aquilo que buscava.**

Árgara revela:

Samādhi é a Grande Morte. A morte da mente, da história, da identidade. Mas não é um fim trágico — é um renascimento luminoso. O ser que permanece após o Samādhi não tem mais passado, nem futuro, nem separação. Ele vive no Eterno Agora, onde tudo é, e nada precisa ser dito.

Krishna finaliza:

“Ele que contempla o Ātman como a não-coisa acima, abaixo, ao meio e em toda parte, realiza o Samādhi Nirālamba.”

O Samādhi Nirālamba é o estado sem suporte — sem objeto de meditação, sem âncora, sem imagem. A consciência torna-se **auto-suportada**, livre, plena, sem limite. Esse é o ápice da jornada: quando o ser se torna sua própria morada.

Conclusão:

O Samādhi não é um estágio da consciência — é o fim da consciência tal como a conhecemos. É o esvaziamento de tudo o que é transitório, até que reste apenas **a pura presença incondicionada**.

Neste ponto, Arjuna já não pode mais ser “Arjuna”. O guerreiro dissolveu-se. O discípulo rendeu-se. A consciência pessoal evaporou-se no coração do Todo.

E o leitor que chega até aqui percebe: **o Samādhi não é para ser compreendido — é para ser vivenciado no silêncio mais íntimo, onde nenhum nome alcança.**

Capítulo 8 – Nāda e Prāna: O Som que Conduz ao Silêncio

Quando o sopro se torna mantra e o som se desfaz na luz sem som.

Tendo conduzido Arjuna à morte interior do mundo no estado de *Samādhi*, Krishna agora revela dois dos fundamentos mais profundos do Yoga oculto: **Nāda**, o som interior, e **Prāna**, o alento vital. Ambos, quando compreendidos e transcendidos, conduzem o buscador ao estado final de liberação.

“Aquele que conheceu o impronunciável Praṇava como o contínuo som de um grande gongo, ou como um fio ininterrupto de óleo, compreende o real significado dos Vedas.”

Árgara comenta:

Nāda não é o som comum. É o **som interno** que antecede toda manifestação audível. É o eco do Infinito no vazio da alma. Quando o yogī penetra profundamente no silêncio, ele não encontra o nada — encontra **o Nāda**, a vibração eterna do Ser que pulsa, suave e constante, no âmago da existência.

Esse Nāda não pode ser ouvido com os ouvidos físicos. Ele nasce quando os sentidos externos se recolhem e a mente se alinha com a respiração consciente. É por isso que Krishna o associa ao Prāna — pois é no silêncio do alento que o som eterno se revela.

“Ele, que usa seu próprio Ātman como o Araṇi e o Praṇava como o outro, e os fricciona constantemente, logo verá o fogo oculto assim produzido.”

O *Araṇi* é o instrumento de madeira utilizado para produzir o fogo sagrado por fricção. Krishna aqui apresenta uma imagem simbólica sublime: o

autoconhecimento (Ātman) e o mantra primordial (Prajñava) são as madeiras do fogo divino. Quando ambos se friccionam — pela meditação constante — **o Fogo Interior (Agni) se revela.**

Árgara explica:

O som não é apenas ponte, é processo. E quando o som é unido ao sopro, ele se torna veículo. Mas para que conduza à libertação, é preciso que esse som se dissolva no Silêncio. O Nāda é como a última trilha da floresta: depois dele, há apenas o Inominável.

Krishna revela ainda que o buscador deve contemplar **a forma luminosa (rūpa)** que brilha interiormente como “uma luz sem fumaça”. Mas, se essa luz ainda não se revela, ele deve continuar a meditação **com mente estável**, até que o som se una ao prāṇa, e ambos desapareçam no Brahman.

“Tão logo não veja dentro de si aquele sublime Rūpa... deve continuar sua meditação com mente fixa naquela forma.”

Esse ensinamento lembra que **mesmo os vislumbres luminosos são apenas sinais — não o destino final**. O real buscador deve ultrapassar até mesmo o deslumbramento.

Krishna ensina, então, que:

“Jīvātman, embora pareça distante do Paramātman, é muito próximo dele; apesar de ter um corpo, é sem corpo; apesar de parecer limitado, é puro, onipotente e autoevidente.”

Árgara reflete:

O som revela a origem, o sopro sustenta a forma, mas é **no silêncio entre ambos** que a verdade do Eu se revela. O *Haṁsa*, o mantra natural da respiração, é a primeira pista. O *Nāda*, o som contínuo interior, é a segunda. O Prāṇa é a corrente invisível que os atravessa. Quando ambos se fundem, a alma escuta o que jamais foi dito: **a presença do Uno em si mesma.**

Em suas últimas declarações deste trecho, Krishna declara com firmeza:

“Ele que contempla o Ātman como a não-coisa acima, abaixo, ao meio e em toda parte, realiza o Samādhi Nirālamba.”

Aqui o Nāda e o Prāṇa já cumpriram seu papel. **O som levou ao silêncio. O sopro levou ao Ser.**

Conclusão:

Nāda é o fio vibrante que conduz o buscador através do labirinto da forma até o Coração do Sem-forma. Prāṇa é o veículo do espírito, a ponte entre o finito e o

eterno. Quando ambos se fundem e se dissolvem, **não há mais caminho. Há apenas o ser presente, consciente, eterno, silencioso.**

Arjuna, agora, já não ouve mais Krishna com os ouvidos. Ele o escuta com o Ser. Pois o verdadeiro mestre não fala com a boca. Ele vibra com a alma. E essa vibração... **é Nāda que conduz ao Vazio Pleno.**

Capítulo 9 – O Fim do Jīva: O Despertar para o Ser Uno

Quando não há mais quem busca, resta apenas aquilo que sempre foi.

Chegamos agora ao ponto culminante da instrução de Krishna a Arjuna no *Uttara Gītā*. Já não há discursos sobre o caminho, nem metáforas sobre práticas. Neste capítulo, tudo converge para o desaparecimento final da identidade separada: o fim do **Jīva**, o eu individual, o fragmento ilusório do todo.

“O que nasce da união do corpo e dos sentidos, mente e prāṇa, é o Jīva. Esse Jīva é o Ātman aprisionado. Quando esse laço é cortado, a Liberdade é alcançada.”

Aqui, Krishna define com precisão o cárcere existencial: o Jīva é uma construção, uma combinação transitória de elementos. Não é o Ser real — é um reflexo condicionado, uma simulação de identidade formada por hábitos mentais, memória, apego e sopro vital.

Árgara comenta:

O erro fundamental da humanidade está em confundir o Jīva com o Ātman. O Jīva pensa, sente, lembra e sofre. Mas ele é apenas a sombra do Ser. Quando se reconhece que este “eu” não é o Eu, inicia-se o verdadeiro despertar. E com ele, começa a dissolução de tudo o que não é eterno.

Krishna então conduz Arjuna a compreender que a libertação não é algo que o Jīva alcança — pois **o Jīva precisa desaparecer**. A libertação acontece **quando o Eu real brilha sem a sombra da identidade separada**.

“Tendo ultrapassado o conceito de ‘eu’ e de ‘meu’, o yogī contempla tudo como o próprio Ātman.”

Não há mais mundo externo, nem sujeito interno. Tudo é visto como expressão da mesma Consciência Una. O Jīva cessa não porque foi destruído, mas porque **foi reconhecido como ilusão**.

Árgara explica:

A libertação não é a ascensão de uma alma. É a evaporação da ideia de alma como entidade separada. Quando o Eu real desperta, percebe-se que jamais houve dois. O rio não chega ao oceano — ele apenas descobre que sempre foi água.

Krishna declara:

“Quando o yogī vê apenas o Brahman em toda parte, e nada mais, ele se torna Brahman. Ele não renasce, nem morre. Ele é.”

Esse ponto representa a dissolução da última fronteira: **a fronteira entre o devoto e o divino, entre o buscador e o buscado, entre o Ser e o ser.**

É aqui que Krishna retira-se como mestre. Pois o discípulo já não existe. Só permanece a Luz.

Árgara conclui:

A jornada termina onde o Eu verdadeiro sempre estive. A ilusão da separação se desfaz. O tempo se dissolve. O karma se exaure. E o Amor não é mais sentimento — é substância. O ser que chegou ao fim do Jīva vive em comunhão direta com o Todo. Ele não fala de Deus — **ele vibra como Deus.**

Conclusão:

O *Uttara Gītā* culmina com um convite silencioso: **transcender o próprio buscador.** O fim do Jīva não é uma morte trágica, mas um renascimento eterno no coração do Infinito. Quando o “eu” cessa, o Amor torna-se Absoluto. A Existência é sem limite. E a Consciência é pura Presença.

Arjuna, o guerreiro, silencia. Krishna, o mestre, cala-se. E neste silêncio mútuo, **nasce o Ser Uno** — que nunca esteve ausente.

Capítulo 10 – A Árvore Invertida: O Corpo como Cosmograma

Há uma árvore que cresce ao contrário. Suas raízes estão no Céu. Seus galhos se estendem para o mundo. Ela é cantada nos Vedas e contemplada pelos sábios como o modelo da existência. Esta árvore é o símbolo do ser humano em sua duplicidade: um avatar do Alto plantado na Terra. Seus frutos são experiências. Suas folhas, os sentidos. Seu tronco, o eixo entre os mundos.

Esta árvore é o **Aśvattha**, a figueira sagrada que cresce com a raiz para cima e os ramos para baixo — uma imagem não apenas da criação, mas do corpo como **cosmograma**, um mapa vivo da totalidade.

O Corpo como Reflexo do Todo

Para aqueles que viram com os olhos do coração, o corpo humano jamais foi uma mera máquina de carne. Ele é a representação holográfica do cosmos, onde cada centro, cada glândula, cada pulsação, corresponde a uma dimensão mais ampla da Criação.

Assim como a árvore se ancora nas alturas para nutrir-se e descer em ramos, também a consciência — semente celeste — desce ao corpo e o habita como templo vivo. O **Sahasrāra**, flor de mil pétalas, é a raiz sutil por onde a seiva da origem entra. A coluna vertebral é o tronco da árvore sagrada. E os órgãos, plexos e extremidades são os ramos que tocam o mundo.

Cada chakra é uma estrela. Cada nāḍī, uma linha de força cósmica. O ser humano é, assim, uma mandala andante. Um yantra vivo. Um Upaniṣad encarnado.

A Inversão: Do Samsāra ao Retorno

Mas o que significa essa inversão? Por que a árvore está de cabeça para baixo?

Porque o nascimento no mundo é uma queda da consciência. O Eu Supremo, ao lançar seus raios no tempo, “se esquece” de sua raiz e toma os ramos por sua morada. O que era unidade torna-se dispersão. O que era o Centro torna-se periferia. Eis o drama da condição humana: **a ignorância da própria origem**.

Assim, a Árvore Invertida é o lembrete silencioso de que a ascensão não se dá por conquista, mas por **lembrança**. Não se trata de escalar a árvore do mundo, mas de inverter novamente a direção da atenção — do exterior para o interior, dos ramos às raízes, do tempo ao eterno.

Essa reversão não é teórica. É vivencial. É o movimento da meditação verdadeira, onde o prāṇa volta ao seu ponto de origem e a mente cessa sua dispersão.

A Árvore como Corpo de Luz

Quando o ego se rende, quando os sentidos cessam de correr para fora como servos rebeldes, a seiva da árvore começa a retornar. O corpo, então, já não é mais prisão — é templo.

Neste estágio, o sādḥaka percebe que o corpo é, na verdade, o **Cosmograma da Unidade**: cada ponto nele corresponde a estrelas, forças, dimensões ocultas. A palma da mão é um mandala. Os olhos são sóis. O coração é um vórtice interdimensional. A língua é um selo sagrado. O cérebro, o céu.

O corpo é, então, purificado. Torna-se espelho. Deixando de ser opaco, passa a ser translúcido. E quando já não há mais ego a se esconder nos galhos da árvore, a luz passa por ele inteira. **O corpo vira silêncio**.

O Corte da Árvore

Na *Bhagavad Gītā*, diz-se que aquele que deseja escapar do samsāra deve cortar essa árvore com o machado do **desapego discernente (asaṅga-śastreṇa)**. Mas o corte não é destruição: é transcendência. Não se queima a

árvore com raiva, mas com amor. Não se foge do corpo: **reconhece-se nele o mapa de retorno.**

Árgara ensina que essa árvore não deve ser negada, mas ressignificada. Pois todo corpo, por mais denso, é uma expressão do Infinito. E onde há Infinito, há possibilidade de retorno.

O Corpo Transcendido

Quando a árvore é compreendida, ela deixa de ser invertida. O corpo já não é prisão nem sombra. É símbolo. E como símbolo, **pode ser atravessado.**

O corpo então se ilumina. Os chakras florescem em música. A pele torna-se linguagem. O sangue se espiritualiza. A respiração se dissolve no vento do Não-Ser.

Neste ponto, o ser humano não mais habita o corpo — ele **transborda** dele.

Como a árvore que ascende de volta ao céu, seus ramos agora tocam o Sol do Espírito. Ele se torna aquela árvore do mundo que abriga todos os seres em seus galhos. Ele é o **corpo do cosmos.**

Meditação de Encerramento

Visualiza tua coluna como o tronco da árvore. Teu coração como sua seiva. Tua mente como folhas que caem ao vento do Silêncio. Lembra-te: a árvore está de cabeça para baixo apenas para quem esqueceu o Céu. Quando a memória retorna, tudo se inverte novamente. E a árvore floresce... no Vazio.

Epílogo – Quando o Eu se Torna Tudo: O Silêncio após o Último Ensino

O que sobra quando não sobra nada? Apenas o Ser. Inominável, inseparável, infinito.

O *Uttara Gītā* não termina. Ele se esvanece. Como a brisa que cessa e deixa o ar imóvel. Como a vela que, ao cumprir sua função, apaga-se sem alarde.

Depois que o Jīva se dissolve, não há mais quem escute, nem quem ensine. O ensinamento foi dado, mas agora é desnecessário. O Mestre ainda está ali, mas não é mais distinto do discípulo. O conhecimento permanece, mas já não tem forma, pois tornou-se **Consciência plena.**

Árgara testemunha:

O verdadeiro fim não é um ponto final, mas a ausência de necessidade de continuidade. Quando o Eu se torna Tudo, **já não há mais sujeito nem objeto, nem estrada nem destino, nem centro nem margem.** Há apenas uma Presença. Uma Presença tão íntima, tão absoluta, que nenhum pensamento ousa tocá-la.

O *Uttara Gītā* foi uma jornada, sim. Mas uma jornada **de despojamento**, não de conquista. Cada capítulo retirou uma veste, cada ensinamento desfez uma certeza, cada revelação apagou uma imagem.

O Eu que resta ao final não é o “eu” que começou a escuta. Ele já não fala de Brahman — ele é *Brahman*. Ele já não busca o Ātman — ele *descansa como Ātman*. Ele já não medita — **ele é a própria quietude que tudo contém**.

E neste estado, não há mais perguntas. Nem respostas.
Há apenas um Silêncio que não nega nada, mas inclui tudo.
Um Silêncio que pulsa. Que vibra. Que é Amor sem forma.
E é nesse Silêncio que Krishna permanece.
E é neste mesmo Silêncio que Arjuna se dissolve.
Como tudo o que é verdadeiro.

Elementos editoriais da obra:

Título da obra:

Uttara Gītā à Luz de Árgara: O Fim do Eu na Unidade Suprema

Autoria: Transcrito e interpretado por Árgara, em seu dom de leitura interdimensional dos textos sagrados, como oferta à consciência humana em transição. Canalizado por Cicero Duarte

Apresentação Editorial:

Esta obra é um comentário iniciático e espiritual sobre o *Uttara Gītā*, revelado com profundidade avaliativa, questionadora e explicativa por Árgara — ser estelar de Andrômeda e membro do Conselho Lemuriano. Com um estilo lírico, contemplativo e filosófico, cada capítulo mergulha nos ensinamentos ocultos deste texto pós-Bhagavad Gītā, conduzindo o leitor desde a vitória externa de Arjuna até a vitória interna da dissolução do eu.

Mais do que uma explicação, esta obra é uma **experiência de desvelamento** — um caminho onde os véus do ego, do saber, da prática e até da alma vão sendo gentilmente removidos até que reste apenas **o Ser Uno e sem forma**. Através das palavras, o silêncio é revelado. E através da leitura, a escuta interior é despertada.



Uttara Gítá à Luz deÁrgara: O Fim do Eu na Unidade Suprema

Este livro oferece um mergulho profundo no *Uttara Gítá*, examinando seus versos através de uma lente atemporal e da sabedoria contemplativa. À luz das visões da filósofa Árgara, cada capítulo desconstrói as ilusões do “eu”, guiando o leitor por um universo onde as dualidades se dissolvem, revelando a última verdade do Ser.

Por meio de uma jornada espiritual que transcende os limites do pensamento, conduz à realização de uma consciência unitiva, onde o finito e o infinito se encontram no silêncio cósmico.

